

## **AQUILOMBAMENTO TRANS:**

Relato de experiência do 9<sup>a</sup> Encontro do Fórum Black Trans Brazil

Jessyka da Silva Rodrigues<sup>1</sup>

FIOCRUZ (Piauí)

Hallisson Eduardo dos Santos Pinho<sup>2</sup>

FIOCRUZ (Piauí)

Pettra Roque Araújo da Silva<sup>3</sup>

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAR)

Dandara Leite Carvalho<sup>4</sup>

FIOCRUZ (Piauí)

Rafael Lerli de Araújo Silva<sup>5</sup>

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAR)

### **Resumo**

O presente relato aborda sobre o 9º encontro realizado pelo Fórum Nacional de Travestis e Transsexuais Negras e Negros (FONATRANS), em Teresina Piauí no ano de 2024. Na introdução é apresentado o conceito e a ideia do traviarcado com atravessamentos raciais, uma pauta muito evidenciada no encontro. A metodologia é caracterizada como qualitativa, exploratória e observação in loco, cujos dados são analisados pelas descrições realizadas no diário de campo e pelas literaturas afinadas ao tema. Os resultados e discussões trazem aspectos inerentes a formulação de ideias, narrativas e ações direcionadas à população de travestis e transexuais negras, com ênfase nas vivências desta comunidade e na ancestralidade que está representada pelas travestilidades negras, precursoras do movimento e da luta por direitos e cidadania. Esses movimentos primam pelo enlace de acolhimento e fortalecimento de travestis e transexuais negras vanguardistas e também para que novas gerações se sintam motivadas a buscar a coletividade como caminho no processo de transformações sociais no território em que vivem, quer seja estados ou até mesmo na nação.

### **Palavras-chave**

Travestilidades negras; Ancestralidade; Política; Aquilombamento.

<sup>1</sup> Mestra em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Pesquisadora da Fiocruz-Piauí. E-mail: jessykafiocruzpi@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6303-1689>

<sup>2</sup> Especialista em Educação Popular em Saúde pela Fiocruz Brasília. Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAR). E-mail: hallipsico@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-0209-2298>

<sup>3</sup> Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (PPGpsi/UFDPAR). Psicóloga e Conselheira Efetiva CRP21 E-mail: pettraroque@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-9375-1578>

<sup>4</sup> Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAR). E-mail: dandaracvlh@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-3336-4080>

<sup>5</sup> Psicólogo, mestre em Psicologia, saúde coletiva e processos de subjetividade (PPGpsi/UFDPAR). Especialista em Educação Popular em Saúde (Fiocruz Brasília). E-mail: lerlirafael@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-6793-0792>



## Introdução

Decidimos adotar uma postura transfeminista, inspirada na professora travesti negra Megg Rayara (2017), ao defender uma sociedade não cissexista, uma vez que consideramos a escrita um dispositivo relevante para tensionar aparatos coloniais, como o dicionário de língua portuguesa, que atuam no apagamento de mulheridades na academia e, por conseguinte, dá maior visibilidade às autoras pesquisadoras, ativistas entre outras. Importante enfatizar que, na primeira vez que fazemos uma citação, transcrevemos seus nomes por extenso, e não apenas o sobrenome, além de adotar a flexão de gênero na escrita, iniciando sempre com o gênero feminino, o que faz parte de uma política de reparação e enfrentamento ao epistemicídio alertado pela intelectual negra Sueli Carneiro (2023). Essa estratégia é uma das formas que encontramos para desafiar o androcentrismo linguístico, quando usam a palavra “homem” como universal capaz de abarcar toda a complexidade da humanidade, sinalizado na tese de mestrado pela mulher cisgênera, branca e pansexual Valdenia Sampaio Araújo (2012).

Esse manifesto se trata de um relato de experiência a partir das narrativas da população de travestis e transexuais negras e negros no 9º Encontro do Fórum Black Trans Brazil, realizado pelo FONATRANS, cuja temática foi “1º Encontro de Parlamentares Trans: parlatrans”, em que aconteceu nos dias de 11 a 14 de abril de 2024 na cidade de Teresina, no estado do Piauí.

A experiência se trata de um encontro para o compartilhamento de estratégias de enfrentamento à transfobia, racismo e outras opressões sobre tudo, fortalecimento de afetos entre movimentos sociais e parlamentares travestis e transexuais negras. As atividades se deram de forma discursiva e performática, onde cada pessoa dialogava sobre a experiência e movimento nos territórios, na busca por mobilização para a construção de políticas públicas no âmbito da saúde física, mental, empregabilidade e no empoderamento individual e coletivo de travestis e transexuais negras.

As atividades de destaque que ocorreram no evento foram as mulheragens (referência ao empoderamento das mulheres em sua diversidade proposta pela equipe FIOCRUZ-PI), um contraponto do termo homenagem (referência a sociedade patriarcal que define o sujeito masculino como universal) para com as travestis e

transexuais que tiveram importância nas ações políticas e artísticas da comunidade para aquisição de direitos, além disso houveram exposições e discussões temáticas, apresentações artísticas e o concurso Garota e Garoto Fonatrans, que evidencia a expressão da representatividade de travestis e transmasculinos negras e negros celebrando suas corporalidades como um ato revolucionário de resistência.

O público do evento era composto majoritariamente por travestis, mulheres e homens trans, transmasculines, pessoas não-binárias negras, mas não obstante pessoas cisgêneras também compunham o ambiente do evento. Dentre estas pessoas trans e travestis estavam doutoras, mestras, advogadas, psicólogas, enfermeiras, antropólogas, assistentes sociais, cantoras, drags queens, ligadas ao ramo da beleza, ligados a lutas políticas como parlamentares (deputadas e vereadoras) e áreas diversas.

A metodologia utilizada caracteriza-se como relato de experiência de cunho exploratório, cujo objetivo é trazer familiaridade com um assunto pouco mencionado (Gil, 1999), como no caso da análise dos fatos ocorridos na reunião envolvendo pessoas trans e travestis negras e suas demandas coletivas. Quanto à sua abordagem, é classificada como qualitativa, pois tem o evento como fonte direta dos dados e como peça fundamental a participação do pesquisador e suas percepções (Triviños, 1987).

O objetivo deste relato é construir reflexões a partir dos fatos advindos das observações referentes ao encontro, a importância deste evento para a vida de pessoas travestis e transexuais junto à comunidade, as articulações feitas para a ampliação da cidadania de travestis e transexuais, bem como a construção de políticas públicas para a população supracitada.

Neste sentido para a coleta de dados foi realizada como propõe Tako e Kameo (2023) uma observação *in loco* e o registro das experiências foi realizado por meio de um diário de campo, utilizado para anotações das observações, descrevendo acontecimentos e informações pertinentes ao evento supracitado, além disso para corroborar com a literatura foram eleitos alguns artigos, livros e dissertações que abordassem a temática.

É relevante destacar que os fatos descritos são produto de observações, portanto não houve a necessidade de autorização prévia das participantes. Ademais, a instituição responsável pelo desenvolvimento das atividades consentiu a realização.

O cuidado ético se deu pela colaboração com a instituição a fim de realizar a difusão das ações, ainda assim protegendo a dignidade das/os participantes, no que tange a confiabilidade dos resultados obtidos durante essa experiência.

## O movimento das traviarcas

O traviarcado é um termo construído pelas travestilidades negras no movimento social, tendo como pioneiras Jovanna Baby, Beatriz Senegal, Elza Lobão, Monique Du Bavier e Claudia Pierry France, com o intuito de inserir travestis e transexuais negras na esfera da cidadania, no enfrentamento à exclusão e o apagamento por parte da sociedade e do Estado. Como aborda Leticia Nascimento (2021) travesti negra gorda e de axé, professora da Universidade do Federal do Piauí, o traviarcado desafia o discurso cisheteropatriarcal no imaginário social.

O Traviarcado não é um regime de vingança, é antes, uma articulação capaz de dissolver as hierarquias sociais produzidas pela naturalização e essencialização binária do corpo, do sexo e do gênero; não (re)produz violências, sua maquinaria está a serviço de uma reparação histórica (Nascimento, 2021, p. 04).

Nesse sentido, essa luta não se dá somente por arrogância ou desconhecimento, é sobretudo um ato político de resistência. E é nessa perspectiva que o transfeminismo ou o fortalecimento protagonico desta comunidade deve abranger os aspectos epistemológicos e metodológicos para a compreensão deste movimento sócio-histórico cultural.

Por conseguinte, faz-se necessário discutir ideias e estratégias para que travestis transexuais negras consigam se integrar a esse protagonismo anteriormente mencionado e isso se dá a medida em que se organizam politicamente para propor ideias e reflexões referentes a suas demandas grupais, não é sobre imposição mas sim sobre articulação e diálogo a respeito da hierarquização e reparação histórica acerca das violências sofridas advindas da essencialização do corpo no âmbito binário de sexo, gênero e raça. Não é oprimir, e sim implodir para reconstruir. (Nantes; Nascimento, 2021).

Além disso, para que aconteçam as devidas mudanças no cenário político-social a construção de propostas de políticas públicas são um elemento fundamental. Dentre as várias vertentes da militância contemporânea, o ciberativismo tem tido uma

grande adesão de travestis e pessoas trans negras inseridas nas redes sociais, se articulando politicamente e socialmente. Mobilizando-se no trans ativismo elas exercem um papel importante nas mídias na proposição informativa e trazendo os devidos escurecimentos (expressão decolonial utilizada para enegrecer a escrita em oposição ao termo esclarecimento) acerca das revoluções dentro dos parlamentos e da sociedade comumente (Freitas, 2023, p.36).

O ciberativismo é uma estratégia de resistência de travestis e transexuais negras e não-negras que, ao se depararem com a exclusão e a violência transfóbica dentro dos movimentos sociais e dos espaços sócio ocupacionais, precisam estabelecer formas de difusão de informações que objetivam o combate à transfobia, o cissexismo, o racismo e outras formas de opressão (Rodrigues, 2024). Dentro desse ativismo exercido nas redes sociais e em blogs, os blogs Transfeminismo.com, as discussões feitas por transfeministas no blog Blogueirasnegras e no Medium se destacam por seu pioneirismo dentro do ciberativismo de travestis e transexuais (Nascimento, 2021).

No evento, estavam presentes Ágata Pauer e Gab Van, transativistas negros do Rio de Janeiro que atuam por meio das redes sociais no combate à transfobia e o racismo, que exporam o seu trabalho e a importância desse ciberativismo no contexto atual onde as pessoas estão tão conectadas com as redes sociais. A presença de duas pessoas trans negras, uma travesti e um homem trans, nos alerta para como boa parte do ativismo de pessoas travestis e transexuais nos últimos anos se dá pela presença em plataformas digitais que ganharam muito destaque, como o *Facebook*, *Instagram* e, mais recentemente, o *Tik Tok*. É importante salientar que a militância deve ocorrer nas ruas e nas redes, inclusive, o mundo digital possibilitou várias ações de enfrentamento ao governo negacionista anterior (Rodrigues, 2024).

Foi percebendo os acontecimentos segundo descreve nas pesquisas de Menezes (2024) e na observação *in loco* da autora deste trabalho, sobre a participação popular das travestis e transexuais negras no referido evento que adveio o seguinte problema: como abordar estas discussões de uma forma construtiva das movimentações que o traviarcado propõe? E como essa confluência (Bispo Dos Santos, 2023) pode se tornar uma ferramenta poderosa no sentido político e histórico pautadas nas lutas das traviarcas que vieram anteriormente para o empoderamento das próximas gerações de travestis e transexuais negras e negros?

Dialogando com Valença (2022) é de suma importância evidenciar personalidades referentes a história do traviarcado no Brasil, se faz necessário à medida em que estas se tornam o marco das existências travestis e trans e negras a fazerem os primeiros movimentos de resistência no país. Neste sentido, destaca-se o início desta mobilização com a grande Xica Manicongo, travesti negra que teve sua narrativa sequestrada e descaracterizada. Ela não retrocedeu em sua busca pelo direito de ser. Posto isso, temos a informação sobre Xica que nos fazem entender sua relevância para a revolução trans:

Havia na capital do país, São Salvador da Bahia de Todos os Santos, também conhecida, posteriormente, como Cidade da Bahia ou simplesmente Salvador, então colônia de Portugal, nos idos de 1591, uma africana do Congo escravizada e vendida a um sapateiro, a qual chamamos de Xica Manicongo (Jesus, 2019, p.2).

Essa travesti negra abriu espaço para que outras pudessem se posicionar frente a transfobia, hostilização, apagamento e exclusão social de travestis e transexuais no âmbito nacional tal como Jovanna Baby Cardoso, Kátia Tapety, Keila Simpson, Indianarae Siqueira entre outras que continuam a desbravar este terreno sinuosos que é a inserção de travestis e transexuais negras e negros nas diversas áreas da sociedade e a legitimação de corpos negros como potência na discussão de gênero e raça (Almeida, Neves e Dantas; 2024, p.123).

Nessa perspectiva, os estudos de Amaral (2024) corroboram com o exposto de que estas mulheres fortalecidas e aguerridas, são o ponto de partida para aquisição e promoção de muitas políticas públicas voltadas à população trans, elas trazem no cerne do seu ativismo a aproximação com a política brasileira e com dispositivos de saúde para que a comunidade trans seja assistida da melhor maneira possível.

### **Narrativas travestis: arrombando portas com navalhas ancestrais**

Durante as apresentações das convidadas no evento, foi possível ouvir diversas falas potentes, que nutrem tanto nossa luta política, quanto também nossos afetos. A travesti negra e professora Ariela Nascimento por exemplo, que compareceu como uma representante de Benny Briolly, travesti negra, política e ativista, refletiu conosco a respeito de como o Fonatrans representa um espaço de formação educacional e política, onde novas epistemologias travestis são construídas e ao final

afirmou sobre as disputas políticas vigentes afirmando: “enquanto eles acham que estão fazendo a manutenção das nossas mortes nós estamos fazendo a manutenção das nossas vidas”.

Além disso, a transexual negra, assistente social e vereadora Lins Robalo faz um discurso vigoroso ao reiterar que o Fonatrans é um espaço de afeto, trocas e formação política, desde a mesa do café da manhã até o espaço das palestras, apresentações culturais, onde todos esses momentos expressam conteúdos políticos. Afinal, travestis e transexuais negras e negros organizadas politicamente ainda são um fenômeno considerado raro no Brasil, havendo a necessidade ainda de arrombar muitas portas e pavimentar muitos caminhos rumo à cidadania plena dessa população.

Nesse sentido, Lins ainda fala sobre algumas estratégias de eleição das candidaturas de travestis, marketing político, e oferece a proposta de um curso de formação política para esse tipo de iniciativa, que visa aprender como fazer esses movimentos na prática, com o objetivo de produzir um berçário político, que compartilhe diversas informações para as pessoas que estão começando no movimento e precisam aprender sobre a trajetória e estratégias necessárias para dar os primeiros passos na militância e na política institucional.

Nesse sentido, a cada fala ou atitude o sentimento de pertencimento e coletividade estavam presentes, e através dessas sensações costurava-se a colcha que nos abriga e nos fazia perceber como juntas somos mais fortes, e que nenhum ataque contra nossas existências pode ser limitante quando entendemos e nos posicionamos nos lugares que socialmente nos pertencem e que com tamanha brutalidade social somos excluídas e lançadas à marginalidade (Da Costa Teixeira, 2023).

Por fim, a autora trans não-binária e negra Hallisson Pinho et. al (2024) corroboram com a exposição dos fatos anteriormente citados pois as experiências vivenciadas foram muito produtivas no sentido de nos apropriarmos de nossos lugares como agentes sociais, e poder perceber que nossa luta é fortalecida pela nossa ancestralidade, tanto pela raça/etnia como pelas questões de gênero que permeiam nossas pautas identitárias.

Consideramos importante destacar que no meio político Katia Tapety, uma travesti negra e piauiense que hackeou o sistema da política institucional, se tornou a

primeira travesti a ter um cargo político no Brasil. Como descrevem as autoras Jessyka Rodrigues travesti negra, e Elaine Nascimento, mulher negra cis e sapatão (2024): “lê-se sistema; uma máquina ciscolonial que opera na deslegitimação de identidades não cis, com base na biologia e no binarismo” (Rodrigues e Nascimento, 2024, p.7). Esse pioneirismo da Katia ao ocupar um cargo legislativo, espaço antes impensado para a população de travestis e transexuais negras e negros, principalmente nordestinas, é uma denúncia ao sistema democrático ausente de outras corporalidades que não sejam, brancas, cisgêneras e sudestinas (Veiga, 2015).

Alinhado a fala da afrotransfeminista Maria Clara dos Passos (2018) neste sentido também é necessário trazer para o centro do discurso as que se encontram no desenvolvimento da luta no parlamento, dentre elas destacam-se: Linda Brasil (ex-vereadora mais votada do Sergipe), Thabatta Pimenta (pré-candidata a vereadora do Rio Grande do Norte) que estiveram presentes no evento, entre outras que estão iniciando no parlamento, mas com bastante expressividade em suas atividades direcionadas ao campo da política institucional, pois sem essas representatividades o processo se torna ainda mais longínquo no que tange as mudanças almejadas.

Em consonância a isso, corroboram com essa fala Santos e Honorato (2024): a política trans se faz dentro e fora do parlamento, como a luta por igualdade e respeito às diferenças. Prova disso é o trabalho de Thabatta Pimenta anteriormente citada, que trabalha pautando a inclusão de pessoas com deficiência (PCD), somando sua luta com a de seu próprio irmão que possui deficiência física, sendo uma postura ética que desconstrói o imaginário limitante de que travestis só trabalham em prol da população LGBTQIAPN+. Além disso, outras trabalham pela perspectiva de prevenção e pós-venção de IST's, educação, trabalho, previdência social e proteção de direitos humanos.

Por essa razão, o ingresso de travestis e transexuais negras e negros na política se faz necessário como ferramenta de trabalho e estratégia de hackeamento do sistema para a promoção da cidadania e que tomam direção contrária às políticas de morte desta população.

No entanto, pudemos verificar também que, apesar dos avanços obtidos pela comunidade no que se diz respeito aos seus direitos, ainda há um longo caminho a ser percorrido no que concerne ao combate à violência e preconceito sofrido por essa população, fato que se torna tristemente visível quando analisamos as estatísticas de assassinatos e violências cometidas contra pessoas LGBTQIAPN+ no Brasil (Gonçalves, 2024. p.13).

Desse modo, as iniciativas políticas são justamente fortes aliada no que tange a erradicação das violências e dos abusos sofridos pela população de travestis e transexuais negras e negros dentro e fora da comunidade LGBTQIAPN+, pois denotam que as exclusões ocorrem intra e extra grupo, sendo estes movimentos políticos em prol da legitimação e desestigmatização das corporeidades transexuais e travestis.

Ademais, a saúde da população trans foi um dos temas mais discutidos no evento. Durante a sessão do evento intitulada “Parlatrans”, as parlamentares abordaram a necessidade de criação de políticas públicas, bem como a reformulação de políticas já existentes, pois os municípios deixam morrer a população transgênero e travesti quando não criam políticas públicas de saúde.

Enquanto política pública a saúde deve ser compreendida em sua totalidade, considerando seus determinantes sociais em que são um conjunto de fatores que determinam as condições de saúde, tais como: educação, assistência, empregabilidade, alimentação, segurança, transporte, cultura, lazer, entre outros direitos básicos para além do acesso aos ambulatorios travestis e transexuais.

Além disso, Aguiar (2024) contribui com o que se observou do fato ocorrido durante todo o evento onde foram abordados temas como saúde e hormonização, o uso de métodos preventivos de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), o uso do silicone industrial e seus malefícios, o ingresso no ambiente de trabalho e acadêmico, além das ações que estão sendo desenvolvidas para a demarcação de pautas identitárias e étnicas.

Nesse contexto, algumas das parlamentares presentes no evento socializaram o que estavam pensando e propondo em suas respectivas cidades e estados. A vereadora Regininha do município de Rio Grande no estado do Rio Grande do Sul, primeira vereadora travesti eleita pelo Partido dos Trabalhadores (PT), criou um selo de identificação para os currículos de pessoas trans com o objetivo de incentivar as empresas e organizações a contratar transexuais e travestis. Demonstrando que políticas de incentivo à empregabilidade também são políticas de saúde.

A região do Cariri no Ceará, por exemplo, se tornou referência em assistência social, foram implantadas capacitações acerca do atendimento à população trans para os profissionais dos Centros de Referência em Assistência Social (CRAS). Iniciativa

que cria oportunidades para que pessoas trans possam acessar os serviços da Assistência Social com profissionais capacitados.

As discussões acerca da saúde transmasculina durante o evento ocorreram nos painéis programados, assim como durante as conversas na área da piscina, reuniões na recepção do hotel e demais áreas. Os temas abordados foram os que dizem respeito à saúde sexual, reprodutiva e mental de transmasculinidades.

Há uma resistência para acessar os espaços de saúde, principalmente quando se fala sobre atendimento ginecológico. Não significa que nós, homens trans e transmasculinos, não temos interesse em cuidar da própria saúde, mas sim que nossa dificuldade em acessar esses espaços e obter informações é consequência da invisibilidade de nossos corpos e identidades (Peçanha, Monteiro, De Jesus, 2023).

No painel “Hormonização e redução de danos” foram discutidas as possíveis interações da Profilaxia Pré-Exposição (PreP) e Profilaxia Pós-Exposição (ProP) com a testosterona, onde estudos recentes não indicam interações significativas. As transmasculinidades são um dos público-alvo do protocolo nacional com as diretrizes de uso da PreP, portanto é fundamental que tenhamos acesso às informações (Contreiras, Lamastro, Filipe, 2023).

Foi informado também que o Ministério da Saúde em breve irá modificar a categoria dos preservativos, passando de “masculino” e “feminino” para “interno” e “externo”, removendo os marcadores de gênero dos preservativos para incluir outras identidades que não se enquadram em categorias binárias.

Além dos painéis, houve uma reunião entre os transmasculinos do Piauí e Ceará filiados ao Instituto Brasileiro de Transmasculinidades (IBRAT) e outros movimentos para instituir o núcleo Piauí do IBRAT. Na ocasião discutimos a necessidade de visibilidade de nossas demandas no estado do Piauí e as dificuldades no acesso à hormonização no ambulatório de saúde integral da população trans Makelly Castro, localizado em Teresina-PI.

O ambulatório não é habilitado e, portanto, ainda não fornece os hormônios necessários, somente as receitas para que cada pessoa trans compre nas farmácias. Tornando-se inviável para os transmasculines que não possuem renda, visto que cada caixa de testosterona, dependendo da marca e do tipo (injetável ou em gel), custa em média de trezentos a novecentos reais, mesmo entre os que possuem renda há dificuldades para adquirir o hormônio.

Sobre os cuidados em saúde reprodutiva de transmasculinos no SUS, discutimos, fora dos painéis programados, a inclusão das transmasculinidades nas campanhas voltadas para os cuidados ginecológicos e o combate de doenças como o câncer de mama e de útero. Deste modo, corpos transmasculinos ainda sofrem violências nos espaços de saúde que não estão preparados para ofertar cuidados com a gestação, aborto e transparentalidades (Silva, Pfeil, 2023).

### **Travestis e transmasculines em cena: quebrando o espelho da cisgeneridade**

Destaca-se que no evento ocorreu o concurso “Garoto e Garota FONATRANS”, cuja temática era a cultura negra e representatividade, visto que o encontro se tratava da comunidade trans e negra, deste modo foi orientado que também fosse trabalhado nossa estima e simpatia diante do público durante o concurso. Assim, houve 3 categorias temáticas: traje esporte com a camiseta do evento, traje de banho e traje de gala com representatividade ancestral africana.

Para refletir sobre esse momento, neste tópico trazemos o embasamento teórico de Barbosa et.al (2024) que fala sobre a representatividade de travestis e mulheres trans em concursos de beleza e ressalta-se ainda que os corpos dissidentes transmitem a mensagem de que não cabe somente reproduzir o embelezamento da comunidade embranquecida cis heteronormativa, mas sim, expressar essas estéticas e belezas como ato político, cravando na sociedade espaços que lhes confirmem autonomia e autenticidade na reconstrução social da nação. Precisamos inovar, afinal de contas, como afirma Audre Lorde (2015), as ferramentas do mestre nunca vão dismantelar a casa-grande.

Os concursos de beleza, historicamente, se centram na representação do feminino e masculino universal, ou seja, da exaltação da beleza de corporalidades magras, brancas e cisgêneras e sem deficiência, de forma que reforçam o ideal de feminilidade e masculinidade que, nesse sentido, aprisiona todas as mulheres e homens nesse projeto de corpo ideal impossível de ser alcançado. Não é o caso de alguns concursos como o Mister T Brasil, que acontece graças às lideranças do movimento de travestis e transexuais do Rio de Janeiro. O concurso Mister T Brasil busca questionar o feminino universal, de forma que as corporalidades gordas, pretas e travestis e com deficiência possam também participar da construção da ideia de

beleza, fazendo com que ela seja desejável para mulheres trans e travestis (Silva Junior, 2017).

Nesse cenário, no evento havia uma participante travesti preta retinta e gorda que estava sendo a preferida do público e, mesmo assim, houve um preterimento da participante em favor de uma participante branca e magra. A decisão era dos jurados e isso estava sob o conhecimento das pessoas presentes. Mas não se deve esquecer que os jurados não são imparciais e suas decisões são baseadas em diversos princípios, tendo em consideração que a maioria deles eram cis, brancos, sem deficiência e magros, o que molda a percepção de mundo dessas pessoas, já que não há neutralidade nas percepções da cisgeneridade e branquitude (Vergueiro, 2015).

Essa neutralidade não existe e pode ser observada no argumento levantado de que a vencedora foi a única a usar trajes adequados para a categoria que exigia roupas associadas com a realeza Africana. O que as juradas e jurados brancos não se atentaram foi que as outras participantes estavam usando os trajes corretos, só que associados à realeza africana, diferente da vencedora que estava usando um vestido associado com a realeza ocidental. Não existe neutralidade em dar o prêmio para alguém sem nem se atentar que o tema do desfile era a cultura negra, sendo importante notar que muitas vezes pessoas brancas são hipervalorizadas mesmo em espaços construídos historicamente por pessoas negras (Hooks, 2019).

Já o desfile de transmasculinos contou com a presença em massa de pessoas negras desfilando. Um dos participantes desfilou com os seios de fora, uma atitude importante para tensionar os estigmas que os corpos de homens trans e pessoas transmasculinas carregam de terem a obrigação de esconder os seios. É relevante ressaltar que neste momento houve grande comoção no concurso ao presenciarmos uma cena tão impactante e corajosa por parte desse participante, onde todos aplaudiram e elogiaram a atitude. Nessa conjuntura, as corporalidades de homens trans negros não escapam do poder que os coage para uma série de normativas, ainda mais em espaços como concursos de beleza, onde há uma cobrança por hormonização e mastectomia (Peçanha, 2024).

Além disso, é importante mencionar a falta de pessoas com deficiências físicas no desfile, já que todos os outros participantes eram pessoas sem deficiência física. Essa falta de participação também se deu pela forma como as pessoas com deficiência são estigmatizadas e excluídas do campo da beleza. A exclusão não se

dá somente quando a geografia de um local é inacessível para essa população, mas também quando a construção da beleza universal não inclui pessoas com deficiência, assim como exclui radicalmente pessoas negras, gordas, travestis e transexuais (Diniz, 2007).

## AquilombaTRANS

Antes de tudo, o aquilombamento é uma estratégia de resistência da população negra frente ao genocídio e da exploração, como pontua a pesquisadora Jessyka Rodrigues: “O quilombo se reinventa, acompanhando a dinâmica de uma sociedade racista e LGBTfóbica. Atualmente, a ANTRA e o FONATRANS são considerados dois importantes quilombos que articulam questões fundamentais em torno dos direitos de travestilidades negras no Brasil” (Rodrigues, 2023, p.40).

Nesse sentido, é fundamental lutar pelo acesso e permanência nos mais diversos lugares de poder, educação e saúde para disputar contra as narrativas transfóbicas como também garantir que a população trans desfrute dos direitos civis garantidos. A pesquisadora Yordanna Rego (2019) ao cunhar o conceito afronecrotrofobia afirma como esse fenômeno social violento acomete pessoas trans negras para a morte e à exclusão social:

Tira da família, da escola e dos espaços públicos de lazer, cultura e esporte, restringe as redes de afeto e apoio, tira do mercado, de trabalho, relegando a prostituição e subempregos. Tira a dignidade ao esvaziar a eficiência e eficácia das poucas e precárias políticas públicas direcionadas à população (Rego, 2019, p.179-180).

Discutindo esse tópico, percebemos o quanto o acesso material para uma vida plena são precarizados para a população trans negra. No que tange ao campo afetivo, na visão de Uziel e Amorim (2024), isso se agrava. Afetos são sempre colocados em segundo plano quando se trata de pessoas trans, sendo consideradas como sujeitos que não precisam de carinho e atenção, e, na maioria das vezes, relegadas a posição de cuidado, mas essa doação raramente tem um retorno e faz com que a ausência de amor e tratamento humanitário abra lacunas para as formas reativas e agressivas que são constantemente colocadas e cobrados socialmente.

Nessa perspectiva, pessoas trans ao se reunirem evocam em seus anseios o sentimento de pertencimento e consequentemente de retorno ao lugar inicial de

construção de seus afetos, no seio familiar. Pois fala-se muito que o primeiro ciclo social é a família, então para pessoas trans, família é estar entre iguais. A potência desse tipo de encontro perpassa as estruturas cisheterossexuais, patriarcais e embranquecidas da sociedade e oportuniza, através do contato, a possibilidade de trabalhar o acolhimento e a afetividade entre pessoas trans.

Em consonância, o psicólogo Lucas Veiga (2018) comenta como historicamente viemos construindo nossos próprios quilombos, a amizade e os vínculos entre pessoas negras LGBTQ+; onde criamos nossas configurações familiares, de acolhimento e pertencimento, dando força para seguirmos em nossas existências diaspóricas, resistindo e promovendo cura dos diversos traumas coloniais que adoeceram nossas subjetividades.

Levando isso em consideração, durante o encontro era natural ver como as pessoas se abraçavam e se cumprimentavam com um beijo no rosto, como um sinal de “você está entre as suas, não há o que temer”. São percepções deveras impactantes e fraternais, que deixa nítido que movimentos em prol da comunidade culminam na vivência afetiva e amistosa, propondo que tudo aquilo que foi visto como ruim ou demonizado, se transforme por um momento em beleza e aceitação no meio do grupo política e afetivamente organizado.

Ainda atrelado a fala de Santana, Galdino e Araujo (2024), pessoas trans são por vezes excluídas de suas famílias e das instituições gerais, mas no meio da reunião referida, existe o momento de interação onde há a possibilidade de desconstrução dos discursos de ódio direcionado a estas pessoas, e o que se torna forte é a inclusão e o espaço para que cada uma coloque suas dores e anseios para que juntas possam ser o suporte umas para com as outras e os outros.

## Referências

ALMEIDA, Gabriel Ponce de Leão Lima; NEVES, André Luiz Machado; SANTOS DANTAS, Daniela. Experiências de microagressões contra a identidade não-binária. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 20, p. 121-141, 2024.

AMARAL, Luísa. **Por uma ética queer**. Nº 1 edições, 2024.

BARBOSA, Davi Custódio; MENDES, Layla de Brito. Beleza e representatividade: a imagem da mulher associada a concursos de beleza. **Instituto Federal Rio Grande do Norte**. Tecnologia em Design de Moda. 2024. Disponível em: [https://memoria.ifrn.edu.br/bitstream/handle/1044/2610/Beleza%20e 2024 artigo.pdf](https://memoria.ifrn.edu.br/bitstream/handle/1044/2610/Beleza%20e%202024%20artigo.pdf)



[?sequence=1&isAllowed=y](#). Acesso em: 8 set. 2024.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser**. Editora Schwarcz. Companhia das Letras, 2023.

CONTREIRAS, Carué; LAMASTRO, Samantha; FILIPE, Elvira. Relato de casos em saúde sexual e reprodutiva e HIV/aids em homens trans. **BEPA. Boletim Epidemiológico Paulista**, São Paulo, v. 20, n. 220, p. 1–13, 2023. DOI: 10.57148/bepa.2023. v.20.38898. Disponível em: <https://periodicos.saude.sp.gov.br/BEPA182/article/view/38898>. Acesso em: 27 jun. 2024.

DA COSTA TEIXEIRA, Patrícia; FARIAS, João Vitor Guimarães; FONTES, Ana Carolyn Silva; MESQUITA, Perla Barboza da Silva Junior. Dificuldades e vivências da população transexual no acesso aos serviços de saúde. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, v. 16, n. 1, p. 832-851, 2024.

DA SILVA, Fabian Algarte; PFEIL, Cello Latini. Gravidez, Aborto e Parentalidade nas Transmasculinidades: um estudo de caso das políticas, práticas e experiências discursivas. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 6, n. 19, p. 7-31, 2023.

DE AGUIAR, Yngrid Carneiro et al. Os impasses da população trans na atenção primária de saúde no Brasil: do acesso ao atendimento. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 7, n. 1, p. 5105-5117, 2024.

DINIZ, Débora. **O que é deficiência**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2007.

FREITAS, Marcos Randall Oliveira de. **(Trans) ciberativismo, saberes e vivências de travestis no twitter: um estudo sobre (re) construção discursiva**. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023.

GIL, Antônio Carlos **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GONÇALVES, Maria Eduarda Sostag Ferreira et al. Políticas públicas de saúde para a comunidade LGBTQIAPN+ no Brasil: revisão bibliográfica. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 7, n. 2, p. e67763-e67763, 2024.

HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. Editora Elefante, 2019.

JESUS, Jaqueline Gomes de. XICA MANICONGO: A TRANSGENERIDADE TOMA A PALAVRA. **Revista Docência e Cibercultura**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 250–260, 2019. DOI: 10.12957/redoc.2019.41817. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/re-doc/article/view/41817>. Acesso em: 2 jul. 2024.

LORDE, Audre. **As ferramentas do mestre nunca vão dismantelar a casa-grande**. Médium, 2015. Disponível em: [https://ewe.branchable.com/index/LIVROTEKA\\_PRETA/Audre\\_Lorde\\_-](https://ewe.branchable.com/index/LIVROTEKA_PRETA/Audre_Lorde_-)



[As ferramentas do mestre nunca va 771 o desmantelar a casa-grande.pdf](#). Acesso em: 8 set. 2024.

MENESES, Emerson Silva. Transcestralidade, Travestilândia, Traviarcado: o palco e as dissidências de gênero no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, v. 14, n. 2, p. e132188, 2024.

NANTES, Flávio Adriano; NASCIMENTO, Letícia Carolina. Diálogos TRANSversais: a Travesti quer um beijo. **Rascunhos Culturais**, v. 12, n. 24, 2021.

NASCIMENTO, Letícia Carolina. Transfeminismo: as vozes do traviarcado. **Notícias, Revista Docência e Cibercultura**, 2021.

PEÇANHA, Leonardo Morjan Britto; MONTEIRO, Anne Alencar; DE JESUS, Jaqueline Gomes. Transfeminismo das transmasculinidades: Diálogos sobre direitos sexuais e reprodutivos de homens trans brasileiros. **Revista Brasileira De Estudos Da Homocultura**, v. 6, n. 19, p. 90-104, 2023.

PEÇANHA, Leonardo Morjan Britto; SILVA, Aureliano Lopes; SOLIVA, Thiago Barcelos. Corpos transmasculinos negros em intersecções estéticas: entrevista com Leonardo Peçanha. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 29, n. 2, p. e18622023, 2024.

PINHO, Hallisson Eduardo dos Santos; LIMA, Carla Fernanda; MONTEIRO, Fabiana Ribeiro. “Eu sinto que a Ballroom me catapultou”: práticas de resistência e de promoção de saúde mental LGBTQIA+. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 7, n. 22, 2024.

REGO, Yordanna Lara Pereira. Reflexões sobre afronecrotransfobia: políticas de extermínio na periferia. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 6, n. 16, 2019.

RODRIGUES, Jessyka da Silva. **Travestilidades negras: descolonizando a escola**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas) - Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2023.

RODRIGUES, Jessyka Silva; NASCIMENTO, Elaine Ferreira. Transfeminismo em rede: os nossos movimentos vêm da ancestralidade. **REBEH - Revista Brasileira de Estudos da Homocultura** (ISSN: 2595-3206), vol. 07, e15964, 2024.

SANTANA, Alef Diogo da Silva; GALDINO, Adriane Soares; ARAÚJO, Ednaldo Cavalcante de. A superação à família monogâmica é pela coletividade! Parentalidades não-monogâmicas de pessoas sexo-gênero-diversas. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 29, p. e19692023, 2024.

SANTOS, Antônio Bispo. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: UBU Editora, 2023.

SILVA JUNIOR, Aureliano Lopes da. Para uma história dos concursos de beleza trans: a criação de memórias e tradição para um certame voltado para travestis e mulheres transexuais. **Cadernos Pagu**, p. e175015, 2017.

TAKO, Karine Vaccaro; KAMEO, Simone Yuriko. **Metodologia da pesquisa científica: dos conceitos teóricos à construção do projeto de pesquisa**. Amplia Editora, 2023.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Três enfoques na pesquisa em ciências sociais: o positivismo, a fenomenologia e o marxismo. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987. Disponível em: <https://ria.ufrn.br/jspui/handle/1/74>. Acesso em: 8 set. 2024.

UZIEL, Anna Paula; AMORIM, Saulo. A ABRAFH e a visibilidade de famílias homotransparentais. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 29, p. e19542023, 2024.

VEIGA, Ana Maria. Kátia: Um documentário queer e a história recente brasileira. In: **Simpósio Nacional de História**, 28., 2015, Florianópolis, SC. Anais [...]. São Paulo: Associação Nacional de História, 2015.

VEIGA, Lucas. As diásporas da bixa preta: sobre ser negro e gay no Brasil. **Revista Tabuleiro de Letras**, PPGEI – Salvador, Vol.: 12; nº. 01. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/5176>. Acesso em: 8 set. 2024.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade**. 2015. 244 f. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

## TRANS AQUILOMBAMENTO:

an experience report from the 9th Meeting of the Fórum Black Trans Brazil

### Abstract

This report approaches the IV National Forum of Black Transvestites and Transsexuals (FONATRANS), held in Teresina, Brazil, in 2024. The introduction presents the concept and idea of traviarchy with racial intersections, a topic highlighted at the meeting. The methodology is characterized as qualitative, exploratory and on-site observation, whose data are analyzed by descriptions made in the field diary and by literature related to the topic. The results and discussions bring out aspects inherent to the formulation of ideas, narratives and actions aimed at the population of black transvestites and transsexuals, with an emphasis on the experiences of this community and the ancestry that is represented by black transvestites, precursors of the movement and the fight for rights and citizenship. These movements focus on welcoming and strengthening avant-garde black transvestites and transsexuals and also so that new generations feel motivated to seek collectivity as a path in the process of social transformations in the territory in which they live, whether states or even the nation

### Keywords

Black transvestites; Ancestry; Policy; Aquilombamento.

**Agradecimentos:** Não se aplica.

**Agência financiadora:** Não se aplica.

**Contribuições das pessoas autoras:** JSR supervisionou todas as etapas do trabalho e foi responsável pelo rascunho original; HESP colaborou na coleta, revisão e edição PRAS colaborou com a escrita do rascunho original; DLC contribuiu com a coleta, curadoria e análise dos dados; RLAS participou da escrita do rascunho original e da revisão e edição.

**Aprovação por Comitê de Ética e consentimento para participação:** Não se aplica.

**Conflito de interesses:** Declara-se a inexistência de conflito de interesse.

**Declaração de utilização de Utilização de Inteligência Artificial:** Declaramos o uso de Inteligência Artificial (IA) para revisão gramatical e clareza do texto. Não houve uso para gerar interpretações e análises sobre os dados, tampouco para formular conclusões.

**Pessoa autora correspondente:** Jessyka da Silva Rodrigues, FIOCRUZ (Piauí), [jessykafiocruzpi@gmail.com](mailto:jessykafiocruzpi@gmail.com) e sala do NEPJUV/FIOCRUZ Piauí (UFDPa)

Recebido em: 21/09/2025

Aceito em: 27/07/2026